

RESENHA DO ARTIGO "MILTON ERICKSON: A TERAPIA NÃO CONVENCIONAL NO CENÁRIO DA CRISE DOS PARADIGMAS EM PSICOLOGIA CLÍNICA"

(2006)

Evânea Joana Scopel

Psicóloga e Mestranda em Psicologia
pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (Brasil)

Carolina Bartilotti

Psicóloga Especialista em Avaliação Psicológica e
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC (Brasil)

Márcia Alencar

Psicóloga e Presidente do Instituto Milton Erickson de Florianópolis -SC - Brasil

Roberto Moraes Cruz

Professor do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-graduação em Psicologia e Engenharia
de Produção e Sistemas (UFSC – Brasil) e Coordenador do PSITRAB NAP

Pesquisadores do Laboratório de Psicologia do Trabalho e Ergonomia (PSITRAB) e Núcleo de
Avaliação e Perícia Psicológica (UFSC – Brasil).

Contactos:

evanea@terra.com.br

No artigo: “**Milton Erickson: A Terapia Não Convencional no Cenário da Crise dos Paradigmas em Psicologia Clínica**”, o autor propõe situar a obra de Milton Erickson no contexto dos paradigmas científicos, especificamente no âmbito da Psicologia Clínica. Da mesma forma que procura compreender essa obra como um conjunto de contribuições que questionam o esgotamento de alguns paradigmas, aponta soluções frente as limitações “criadas” pelo paradigma dominante da ciência e as influências deste na campo da Psicologia. Considera que Erickson procura incitar importantes transformações epistemológicas, ao longo de suas inquietações, questionando os pressupostos da Psicologia.

Para Neubern (2000) a ciência psicológica é atrasada e pré-pragmática em função da diversidade de escolas existentes que reivindicam com constância o “privilegio” de compreenderem a realidade psíquica. De um lado tem-se o universo da “objetividade” que é permeado por preceitos de previsão e controle de fenômenos psicológicos. E do outro, o universo

da “subjetividade” que preconiza o pensamento qualitativo e a reflexão filosófica. Diante disso o autor propõe que o legado de Erickson procura desfazer a idéia tradicional em que as teorias não estabelecem relações com a subjetividade social e individual, procurando, então, criar condições que permitam que as construções teóricas compartilhadas no meio científico, possam conviver “harmoniosamente” bem com a singularidade e diferenças próprias dos sujeitos.

Dessa forma, o texto resgata a noção de “singularidade” proposta por Milton Erickson, que em termos epistemológicos, segundo (Morin, 1999, apud Neuberbn) implica em *“considerar os indivíduos como seres únicos e inéditos que, mesmo possuindo determinações sociais, constituem-se em qualidades emergentes que não se esgotam nessas determinações nem se repetem nas construções sociais.”*

Diante disso pode-se pensar em uma outra implicação epistemológica : a “teoria”. Se considerarmos que a função desta é fornecer referências para o diálogo com a realidade múltipla do sujeito, ao invés de interpretar tal realidade a partir de conceitos pré-estabelecidos, podemos então, nos remeter ao caráter a-teórico de Erickson que preconiza, em que o principal esforço está muito mais relacionado ao atendimento das necessidades terapêuticas e na criação de novas formas de abordá-las, ao invés de um convencimento teórico. Morin (1996) refere em relação à isso, que essa infidelidade teórica fica contrabalançada pela fidelidade à originalidade das próprias idéias e segue:

“Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema. Em outras palavras, uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa atividade mental do sujeito que dá ao termo método seu papel indispensável” (p.335).

O artigo também traz à tona uma outra questão epistemológica fundamental: a utilização de analogias e histórias por Erickson. Se não existe a possibilidade de se ter um conhecimento direto da realidade dos sujeitos, faz-se necessária a utilização de métodos indiretos de acesso (Erickson & Rossi, 1979). Esta alternativa epistemológica, deixa de lado a perspectiva finalista que possui a mercê um esquema teórico subjacente.

Para Santos (1989) e Neubern (2000) a ciência que buscou ou busca se configurar em pressupostos de previsão, controle, generalização e impessoalidade, certamente terá dificuldades diante de paradigmas emergentes que têm como sustentação a imprevisibilidade, autonomia, singularidade, história e criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Erickson, M. & Rossi, E. Hypnotherapy: an exploratory casebook. New York: Invington, 1979.

Morin, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

Neubern, M. As emoções como caminho para uma epistemologia complexa da Psicologia. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16 (2), 153-164, 2000.

Neubern, M. S. Milton Erickson: A Terapia Não Convencional no Cenário da Crise dos Paradigmas em Psicologia Clínica. Psicologia: Reflexão e Crítica. 15(2), pp. 363-372.

Santos, B. Introdução a uma ciência pós-moderna. São Paulo: Graal, 1989.